

## Índice

O fim de semana, esse túnel solitário...	1
A Europa atenta à demografia .....	2
A opção beneditina, na vida real .....	3
“La Luz que se Apaga” .....	4
“O Caso de Richard Jewell” .....	5

### O fim de semana, esse túnel solitário...

Os fins de semana podem causar uma sensação significativa de sufoco às pessoas que vivem sozinhas por não terem alternativas, pelo que a sua sensação de angústia por falta de companhia poderá vir a aumentar .

O diário britânico “[The Guardian](#)” (16.1.2020) publicou um artigo sobre o que denomina a “solidão do fim de semana”, e recolheu centenas de testemunhos da Indonésia à Inglaterra. Alguns, como o de Liz, referem uma semana laboral tão atarefada que não lhes permite sequer tomar um café com as amigas. Ao fim de semana, altura em que poderia fazê-lo, constata que essas amigas estão absorvidas pelas suas vidas familiares.

“É como se ao sábado me fossem fechadas as portas: os fins de semana são para os casais. E não me convidam para uma refeição porque sou solteira”. Por isso, espera com ansiedade a segunda-feira, que “é sempre um alívio”.

Também os amigos de Mark, de 32 anos, já têm as suas namoradas ou mulheres, e ele sente-se como que abandonado: “Pode acontecer realmente de forma muito rápida. De repente, o teu grupo já não funciona. És considerado uma amizade de segunda categoria, relegado para as noites do meio da semana. Não estás nas refeições dos casais (...), e começa a faltar-te confiança na tua capacidade de estabeleceres ligações, (...) assumas que não és bem-vindo e retiras-te... Deparas com um círculo vicioso”.

Uma sondagem da YouGov para a campanha britânica [Let's Talk Loneliness](#) revelou que 25 % das pessoas adultas dizem sentir-se sozinhas durante o fim de semana, e que as noites de sábado e domingo constituem o momento mais angustiante (16 %).

A maioria dos que dizem sofrer o isolamento vive nas cidades (56 %), algo que se repete fora das fronteiras britânicas. Por exemplo, em Espanha, um [estudo sobre a solidão](#) (2015), patrocinado pelas fundações ONCE e AXA, afirma que “as pessoas residentes em grandes centros urbanos e metropolitanos têm maior propensão para padecer de situações de solidão do que as habitantes de pequenos núcleos populacionais”, visto que “nas pequenas comunidades, em caso de necessidade, as pessoas têm assegurada a companhia e ajuda dos vizinhos, com os quais existe uma relação diária e geralmente muito intensa”.

A investigação espanhola examinou uma amostra de 1206 pessoas. Dessas, vivem sozinhas 236, que foram classificadas entre as que o estão por decisão própria e por obrigação. Quem é que sofre mais a angústia da solidão durante as noites e aos fins de semana? Os do segundo grupo, com 47 % e 11,5 % em ambas as situações, contra 26 % e 8 % dos sozinhos por livre escolha.

É notório também que, em resposta a essa solidão, 20 % dos sozinhos voluntários tomam iniciativas e telefonam ou enviam mensagens por WhatsApp aos seus conhecidos, algo que não fazem mais do que 14,6 % dos sozinhos obrigados. Ver TV ou navegar pela Internet é mais oportuno para estes últimos (62 %) do que para os sozinhos por escolha (48 %). Se a uns o

risco do isolamento os estimula a abrir as portas e a contactar fisicamente com os seus conhecidos, a outros convida a fecharem-se ainda mais; o “círculo vicioso”, em resumo.

Outra investigação no Reino Unido, a [Loneliness Experiment](#) da BBC, de 2018, recolheu informação de 55 000 pessoas. Entre as suas conclusões verificou-se que o grupo geracional mais inclinado a sofrer de solidão (40 %) era, contra as expectativas, o dos jovens dos 16 aos 24 anos, por terem menos experiência no momento de regular as suas emoções e porque, na sua busca de um lugar na sociedade, é normal que, por vezes, se isolem.

Mas ninguém examinou o tema dos fins de semana. “Não é algo que tenhamos investigado”, reconhece ao “The Guardian”, Pamela Qualter, professora de Psicologia em Manchester e autora do relatório. Tão-pouco o abordou o estudo espanhol. O sociólogo Juan Díez-Nicolás, coautor do relatório, comenta que, com efeito, mereceria ser examinado em futuras investigações. E embora sem dados verificados, entrevê-se uma relação entre o fim de semana e a sensação de isolamento.

O especialista defende que, tanto nesses dias como nas férias, pode sentir-se mais a solidão, pois “são momentos que permitem estar na rua, como acontece na primavera e no verão, e até no outono. Émile Durkheim sugeriu que os suicídios eram mais prováveis nesses meses e nos climas moderados, precisamente porque os que experimentam a solidão têm maior consciência dela quando veem as pessoas em lugares públicos e acompanhadas, enquanto eles estão sozinhos”.

Por seu turno, Celia Castro, psicóloga da Teléfono de la Esperanza, em Madrid, afirma que os motivos pelos quais os interessados mais telefonam são, ou por estarem a atravessar uma depressão, ou devido à sua solidão. Telefonam mais “no Natal, à noite, alturas em que aumenta a angústia”. Não tem dados concretos sobre uma maior incidência aos fins de semana, mas admite que isso poderá acontecer, pois “durante a semana, as pessoas têm os seus trabalhos, as suas rotinas, e quando chega o tempo livre reparam não ter com quem partilhá-lo, e é nessa altura que o sentimento de angústia conhece um aumento”.

L.L.

## A Europa atenta à demografia

A equipa da Comissão Europeia liderada por Ursula von der Leyen pretende pegar o touro – o touro demográfico – pelos cornos e, para isso, conta com uma vice-presidência específica:

Demografia e Democracia, à frente da qual foi colocada a croata Dubravka Šuica.

A tese seria que, se na Europa do século XXI existem sítios aos quais não chegam determinados serviços básicos, ou se muitas famílias têm dificuldades na sua conciliação, ou não contam com ajuda estatal para procriar, ou os idosos não beneficiam dos cuidados necessários, isso pode acabar por inspirar desconfiança no sistema democrático e levar todo o projeto por água abaixo.

“Aqueles que sentem que o progresso (...) os deixou para trás, são os mais propensos ao desinteresse. Para muitos, a causa principal deste tem mais a ver com a mudança demográfica do que com as estruturas democráticas”, salienta Von der Leyen numa [carta a Dubravka](#) (1.12.2019) sobre os assuntos que deve abordar no seu cargo, e onde recorda que essa mudança afeta desde a economia até ao atendimento no campo da saúde, a migração e o meio ambiente, tendo ainda impacto na posição da União Europeia no mundo.

Por isso, encomendou à vice-presidente várias tarefas, como trabalhar com os governos nacionais e locais nas regiões mais esquecidas, para atrair a elas investimentos que melhorem as infraestruturas e o acesso aos serviços. Deverá igualmente avaliar a incidência real que têm os programas de proteção social na vida das pessoas idosas e coordenar as vias para favorecer a conciliação entre vida laboral e familiar.

O panorama demográfico sobre o qual se debruça a vice-presidência de Dubravka Šuica é o de um bloco de países em que os nascimentos desceram de quase 8 milhões por ano em 1961, para apenas 5 milhões em 2017, e onde [recua a população em idade laboral](#).

As migrações e a natalidade têm e terão um peso concreto nisto, consoante os territórios. Por norma, na Europa Ocidental, a chegada de imigrantes de antigas colónias ou de países do Leste, colaborou – embora de modo insuficiente – para compensar os nascimentos em baixa, mas os países do centro e do leste da Europa que não foram metrópole e que mostram menores níveis de desenvolvimento, não são polos de atração migratória e têm bastantes dificuldades nisso. Além de, tradicionalmente, não chegarem os de fora, os de casa vão em quantidades significativas para outros sítios com maiores padrões de bem-estar.

Quanto a nascimentos, as taxas de fertilidade dos antigos países comunistas situam-se todas abaixo da de substituição populacional (2,1 filhos), à semelhança do resto da Europa (a média atual é de 1,59).

A Roménia e a Hungria são um bom exemplo do buraco demográfico. Sobre o caso romeno, um [artigo](#) publicado pela Balkan Investigative Reporting Network (28.11.2019) refere que, desde o derrube do ditador Nicolae Ceaucescu em 1989, o país perdeu quase quatro milhões de habitantes. Segundo estatísticas do Banco Mundial, 20,6 % da população romena em idade laboral estava fora do país em 2017.

Para atenuar a escassez de mão-de-obra local, Bucareste tem vindo a facilitar a entrada de trabalhadores estrangeiros: em 2019, [aumentou para 30 000 o número de licenças de trabalho](#) (“Business Review”, 27.8.2019) para os não comunitários (os da União Europeia não precisam delas), pelo que entraram na Roménia fundamentalmente chineses, turcos, vietnamitas, indianos, nepaleses...

Também a Hungria tem vindo a aceitar – embora a contragosto – a tábua de salvação da entrada dos imigrantes. O país tem 600 000 dos seus nacionais em idade laboral (9 % da população ativa) a viver e a trabalhar em países como Alemanha, Áustria, Reino Unido..., e as perspetivas demográficas são más: segundo o Departamento Central de Estatísticas, os 9,7 milhões de húngaros podem diminuir para apenas 6 milhões em 2070 (a taxa de fertilidade é de 1,5 filhos).

Por isso, o país [entreabriu as portas](#), e já em 2018 emitiu licenças de trabalho a 50 000 estrangeiros não comunitários, a maioria vinda de países não muçulmanos. Mas não perde de vista o tema da natalidade: o governo comprou [seis clínicas de fertilidade](#) para atender gratuitamente 150 000 casais que não puderam conceber.

Se cada um desses casais tiver um filho, o despovoamento já não será um problema, refere a ministra da Família, [Katalin Novák](#). Enquanto o for, a área da fertilidade continuará a ser classificada como “de importância estratégica nacional”.

L.L.

## A opção beneditina, na vida real

Rod Dreher entrevistou o inspirador de uma “aldeia ecológica” de famílias católicas, a noroeste de Lyon (França). Ainda que o projeto tenha nascido antes do aparecimento do seu livro “[The Benedict Option](#)” (“Aceprensa”, 25.5.2017), apresenta-o como um exemplo do tipo de comunidade contracultural que procura defender.

Segundo explica François Nollé a Dreher na longa [entrevista](#) publicada em “The American Conservative” (29.11.2019), na origem da sua “aldeia ecológica cristã” – construída em torno de uma abadia cisterciense do século XII – há três famílias. A seguir, juntaram-se mais pessoas; no total, são 15 adultos e 30 crianças.

François e a sua mulher Blandine, pais de vários filhos, vivem em Paris. Em 2015, conheceram o movimento agrícola e ecologista “Colibris”, fundado pelo filósofo francês de origem argelina Pierre Rabhi. Embora Rabhi não seja cristão, François e Blan-

dine sentiram-se atraídos pela sua ideia de fundar “oásis” sustentáveis “no meio do deserto individualista e capitalista”. Mas sentiam falta da orientação religiosa.

Nesse mesmo ano, o Papa Francisco publicou a encíclica “[Laudato si](#)” e entusiasmaram-se com a mensagem da “ecologia integral”, que interpretaram como um chamamento a ver que “todos os aspetos de uma forma de vida se encontram inter-relacionados”.

De ambas as ideias surgiu a inspiração para arrancar com a sua “aldeia ecológica” em La Bénisson-Dieu, uma pequena localidade onde a diocese de Lyon tem quatro casas. Os novos habitantes comprometeram-se a reabilitá-las para que possam viver nelas pessoas com dificuldades económicas. “Não queríamos fundar um projeto que nos isolasse totalmente da sociedade”, refere François.

As três famílias instalaram-se em agosto de 2016 e todas conseguiram emprego na zona. Na [página web que explica o projeto](#), deixam claro aquilo de que não gostam da cultura atual e qual é a sua alternativa. Querem “viver a ecologia integral e difundir esta forma de vida”. O que se traduz, entre outras coisas, “numa vida espiritual mais encarnada”; numa vida “centrada na convivência, que nos permita redescobrir a nossa vocação profunda e restaurar o nosso olhar contemplativo sobre a beleza das coisas”; numa economia “respeitadora do meio ambiente”; numa comunidade onde impere o acolhimento, “em primeiro lugar aos pobres, para os reintegrar”, etc.

Como é a vida na aldeia? O dia começa com uma adoração eucarística, pelas 6.30, à qual se segue a oração de Laudes. Depois seguem para o trabalho. As crianças – dos 3 aos 7 anos – estudam numa escola rural que fechou dois anos antes e que conseguiram reabrir. Há uma professora a tempo inteiro, com título oficial, a qual é ajudada por algumas mulheres da comunidade quando regressam dos seus trabalhos.

Durante a semana, organizam almoços ou jantares em comum, oficinas, jogos, momentos de oração, cantos... Além disso, a vida na aldeia exige certos trabalhos como cortar lenha, cultivar frutas e verduras, organizar jogos para as crianças, ajudar os vizinhos idosos, etc. São estes laços fortes o que os converte numa comunidade viva, que está disposta a se precaver do individualismo. Mas não são uma comuna: cada família tem os seus momentos de intimidade e gere autonomamente as suas finanças.

Na entrevista não se explica a que se dedicam os adultos, a não ser o dado de que trabalham no exterior da aldeia. Neste sentido, é um facto que não se retiram totalmente do mundo. Dreher [defendeu-se](#) desta crítica numa entrevista à “Aceprensa” (18.1.2019): “O maior equívoco acerca de “The Benedict Option” é que parece que peço aos cristãos para fugirem do mundo e construírem uma fortaleza nas montanhas”. Mas o núcleo da sua proposta, explicou, é o convite a “sermos mais radicalmente contraculturais”.

Durante a entrevista, certas afirmações de François Nollé parecem sugerir que só é possível viver a fé cristã a fundo em condições sociais ótimas. Não nega que se possa viver igualmente num estilo de vida em contracorrente na cidade, mas tanto ele como a sua mulher pensaram que no campo seria mais fácil. Esse “no seu caso” é fundamental para entender a proposta da opção beneditina, que admite diversas concretizações na vida real.

No final da conversa, Dreher menciona uma iniciativa em Itália da qual já falou no seu livro e que, atualmente, representa “o exemplo ideal de uma comunidade laica” inspirada na opção beneditina. O projeto, iniciado em 2012 por famílias católicas ligadas à Compagnia dei Tipi Loschi do beato Pier Giorgio Frassati, está muito mais consolidado do que o anterior. Assente numa colina com vista para a localidade de San Benedetto del Tronto e o mar Adriático, a comunidade conta com uma escola própria.

O certo é que tanto o exemplo francês como o italiano têm algo de “fortaleza nas montanhas”. Daí que continua de pé a pergunta de se será possível uma opção beneditina nas grandes cidades.

Num [artigo](#) publicado em “Public Discourse”, Evelyn Behling defende que a visão de Dreher não significa necessariamente a retirada em comunidades alternativas. Na sua opinião, existe uma “parte construtiva” da sua proposta que se pode desenvolver em qualquer meio social. E dá como exemplo o livro de Leah Libresco “[Building the Benedict Option](#)”, com prólogo do próprio Dreher. Nele apresenta soluções práticas para os crençes que vivem isolados a sua fé. O seu desejo é ajudá-los a “construir comunidades de oração, socialização e evangelização nos lugares onde vivem e trabalham”.

Formada na Universidade de Yale, Libresco trabalhou como professora de estatística, investigadora de políticas públicas e jornalista no “FiveThirtyEight”, além de colaborar com outros meios de comunicação. Quando se converteu ao catolicismo vinda do ateísmo, procurou a forma de viver o seu compromisso cristão acompanhada por outros. Uma das suas inquietações era adaptar-se com criatividade aos loucos horários dos seus amigos, jovens profissionais urbanos como ela.

O seu apartamento central em Washington D.C. converteu-se no gérmen do que acabou por chamar “encontros Benedict Option”, cujos sinais de identidade são a hospitalidade e a oração. A seriedade da proposta desta *millennial* salta à vista: todas as sextas-feiras ao começo da noite abria a sua casa aos seus amigos para jantarem e rezarem juntos a Liturgia das Horas: primeiro, as Vésperas; depois, o jantar; a seguir, as Completas; e, por último, a sobremesa.

Agora, Libresco está casada e vive em Nova Iorque, onde continua a organizar eventos similares com o seu marido.

J. M.

## “La Luz que se Apaga”

“The Light that Failed”

Autores: Ivan Krastev, Stephen Holmes  
Debate. Barcelona (2019)  
352 págs.

Este livro bem poderia subintitular-se “O que mudou no mundo em 30 anos”, os decorridos desde a queda do muro de Berlim e da proclamação do suposto fim da história por Francis Fukuyama. Com o fim da URSS, muitos pensaram que havia começado a era do internacionalismo liberal e que a cooperação internacional, uma espécie de paz através do comércio, viria a substituir o confronto. O Ocidente pensou ter ganho a Guerra Fria sem que tivesse de disparar um só tiro, e os sucessivos alargamentos da NATO e da UE deveriam completar a sua vitória.

Mas os acontecimentos que se seguiram, depois dos chamados felizes noventa, não confirmaram estas suposições: o 11 de Setembro de 2001, a guerra do Iraque, a crise financeira, a guerra da Ucrânia, o Brexit, a chegada de Trump...

Os autores deste livro, o búlgaro Ivan Krastev e o britânico Stephen Holmes, escolheram para a sua análise o mesmo título de um romance de Rudyard Kipling, no qual se narra a história de um homem que perde progressivamente a vista em consequência de uma ferida de guerra. Talvez reflita uma sensação de impotência, pois as democracias liberais parecem resignar-se ao crescimento do populismo e do nacionalismo.

Krastev e Holmes abordam quatro áreas geopolíticas: Europa de Leste, Rússia, EUA e China. No caso da antiga Europa comunista, sublinham que esses países passaram muito rapidamente a imitar a Europa democrático-liberal. No entanto, depois não foram aceites por essa Europa que os encorajava a renunciar às suas tradições históricas em troca de um difuso cosmopolitismo. No que se refere à Rússia, explicam que, durante o mandato de Boris Ieltsin, surgiu a ilusão de que pudesse converter-se numa democracia liberal. Na opinião dos autores, contudo, os governantes falsificaram a democracia para consolidar o seu poder.

Os dois capítulos finais do livro são dedicados aos EUA e à China. Trump seria o resultado de considerar que a americanização do mundo é um mau negócio para os norte-americanos. Trouxe apenas mais concorrentes. Pôs em dúvida o carácter de exceção norte-americano que caracterizou a política externa no século XX. A mentalidade de Trump é a de um grande empresário decidido a desfazer-se dos seus rivais comerciais. Em relação à China, nunca tentou imitar o Ocidente, apesar de alguns pensarem que o seu capitalismo a levaria à democracia liberal. Mas o seu capitalismo de Estado está mais interessado



em exportar os seus produtos, do que em oferecer-se como uma ideologia. Para a China, a estabilidade política e social é muito mais importante do que a democracia.

O livro faz uma interessante recapitulação, mas não pretende avançar soluções concretas para a crise do internacionalismo liberal. A era da imitação acabou e o liberalismo terá de procurar formas de se inventar a si próprio e ter em conta as experiências sofridas.

A. R. R.



Neste caso, acompanha a história de um segurança, Richard Jewell, que prestava serviço num concerto de música em Atlanta, aquando dos Jogos Olímpicos dessa cidade em 1996. Durante o espetáculo, há um atentado. Uma pessoa morre de imediato e outra vem a falecer mais tarde. Ficam feridos cerca de uma centena de espectadores e não houve mais vítimas, devido à atuação desse segurança, que suspeitando do que ia acontecer, “obrigou” que todos se afastassem do sítio exato onde estava a bomba dentro de uma mochila abandonada...

No início, Richard Jewell é aclamado como herói, mas depressa se torna num suspeito por parte do FBI e pelos jornalistas. Algumas das suas atitudes são “estranhas” e os “media” exploram isso para vender... Mais tarde prova-se que é inocente devido à ajuda de um advogado amigo, mas a sua vida já fora desfeita... O filme “repõe” a injustiça cometida e alerta para a forma como se “consome” o que é transmitido...

### Tópicos de análise:

1. A reputação constrói-se com pequenos gestos concretos.
2. Ter alguém de confiança a ajudar, é essencial para decidir bem.
3. Para formar uma opinião correta, é útil confirmar várias fontes.

### [Hiperligação](#)

Paulo Miguel Martins  
Professor da AESE

## “O Caso de Richard Jewell”

“Richard Jewell”

Realizador: Clint Eastwood  
Atores: Paul Walter House, Sam Rockwell  
Duração: 125 min.  
Ano: 2019

O realizador Clint Eastwood volta a investir num “caso real” para demonstrar o poder que os “media” exercem sobre a “reputação” de indivíduos e instituições e de que forma influenciam a “perceção da realidade” por parte das pessoas...

